

GUERRA PSICOLÓGICA

ANTÔNIO CARLOS PACHECO E SILVA
(Convívium, abril de 1964)

A Psicologia, ramo da ciência que estuda os fenômenos e operações psíquicas, abrange hoje um campo vastíssimo. De fato, não há, presentemente, atividade humana que possa dispensar o seu concurso ou prescindir das suas aplicações. De ciência abstrata que era no passado, tornou-se, gradativamente, objetiva e concreta, experimental e científica. A partir dos fins do século XIX, foi-se libertando da psicologia puramente filosófica e literária dos séculos anteriores, para se impôr como ciência própria e independente, com os seus princípios, suas leis, seus métodos e suas técnicas.

Muito embora existam numerosas escolas psicológicas, cada qual com os seus conceitos e doutrinas, não padece dúvida terem todas elas contribuído desta ou daquela forma, para os grandes avanços observados nos nossos conhecimentos atinentes aos complexos mecanismos e os mistérios de que ainda se cerca o cérebro humano, máxime no que tange às funções psíquicas.

Aplicada à vida moderna, a psicologia abriu novos e incommensuráveis horizontes, projetou a sua ação nos mais variados sentidos, penetrou em todas as atividades humanas, destruiu velhos e arraigados preconceitos e permitiu uma revisão dos nossos conhecimentos no que concerne ao comportamento do homem.

Não parou aí, entretanto, a sua ação e a sua influência; instituiu novos padrões na avaliação da inteligência; interferiu nos métodos educacionais; deu novo impulso à racionalização do trabalho; contribuiu para o desenvolvimento da psicotécnica; facultou investigações mais profundas na vida psíquica da criança; concorreu para melhorar a saúde mental; explicou muitos fenômenos da dinâmica cerebral; imprimiu grande impulso no estudo da esfera consciente e inconsciente, que norteiam as ações humanas, tanto individuais como coletivas.

Tão grande foi a sua expansão, tantas foram as suas aplicações, que se tornou necessário o seu desmembramento em numerosos outros ramos, os quais constituem outras tantas disciplinas autônomas.

Há já verdadeiras enciclopédias versando sobre a psicologia animal, a psicologia anormal, a psicologia coletiva, a psicologia comparada, a psicologia criminal, a psicologia da conduta, a psicologia da reação, a psicologia das religiões, a psicologia das raças, a psicologia dos povos, a psicologia das massas, a psicologia infantil, a psicologia do caráter, a psicologia diferencial, a psicologia dinâmica, a psicolo-

gia educativa, a psicologia estrutural, a psicologia existencial, a psicologia empírica, a psicologia industrial, a psicologia social e, finalmente neste artigo, dando especial destaque às ações psicológicas na guerra moderna.

Conquanto os progressos da ciência e da tecnologia tenham favorecido extraordinariamente as ações psicológicas na guerra moderna, os métodos e os ardis utilizados não têm, em sua essência, sofrido grandes mutações, a se julgar pelos ensinamentos da História. Senão vejamos: não há muito, arqueólogos americanos descobriram, na Mesopotâmia, uma série de lápides contendo interessantes inscrições feitas pelos historiógrafos do rei Enmekar, que vivia na cidade de Erech, há mais de cinco mil anos, por onde se verifica que os mesmos métodos de dominar o inimigo, recorrendo à ação psicológica hoje utilizados, já eram conhecidos e empregados pelos homens daquelas priscas eras.

A decifração dos caracteres cuneiformes, inscritos naquelas lápides, revelaram que Enmekar, ambicioso e ávido de conquista, decidiu tomar a cidade de Arata, rica e próspera, situada nas fronteiras do seu reino. Para tanto, planejou uma campanha em dois tempos: começou por enviar emissário ao senhor de Arata, para aconselhá-lo, no seu próprio interesse, a se render e, assim, evitar efusão de sangue. Tal proposta foi desde logo rejeitada. Enmekar decidiu então desencadear uma verdadeira guerra de nervos combinada com uma guerra econômica, contra o inimigo. Procurou implantar o terror, à distância, sobre a população de Arata. Aprisionou as caravanas portadoras de víveres, arruinou o comércio, ordenou que elementos seus, infiltrados no seio da população inimiga praticassem atentados terroristas. Enviou agentes encarregados de desmoralizar os homens que se encontravam no poder, os quais foram apontados como aproveitadores, desonestos e incapazes, que se estavam loqueletando com os dinheiros públicos.

Quando entendeu estar suficientemente minado o prestígio dos chefes inimigos, Enmekar despachou uma caravana de mil camelos, carregados de víveres e riquezas de toda a sorte, para serem distribuídos na desafortunada cidade. Enquanto o generoso donativo era entregue, numerosos arautos instigavam a população, com as seguintes palavras "Escravos oprimidos de Arata, levantai-vos contra vossos tiranos. Olhai para o gentil senhor de Erech. Ele vos assegura uma felicidade eterna e será, destarte, evitada uma guerra". Essa ação psicológica teve o mais completo sucesso: o senhor de Arata capitulou sem combate. Infelizmente, diz Wursth, autor onde colhemos esses dados, a última lápide estava partida e não foi possível saber-se o que aconteceu aos habitantes de Arata, aos quais havia sido prometida a felicidade eterna.

Há uma rica terminologia para designar-se o que se convencionou chamar de guerra psicológica: guerra fria, guerra velada, guerra sub-

versiva, guerra sem lágrimas, guerra dos espíritos, guerra de nevos, guerra marginal, guerra oblíqua, e outras são correntes para caracterizar este tipo de guerra.

Conquanto essas designações só tenham surgido no decurso da segunda conflagração mundial, o emprêgo da ação psicológica data já das primeiras lutas em que se empenhou o homem. Na lenda, na mitologia na própria história, vamos encontrar exemplos altamente elucidativos comprovando que já no passado, os povos que se gloriavam tinham a preocupação de vencer a resistência do adversário, procurando por todos os meios abater-lhe o moral, aterrorizá-lo, inculcar-lhe o desânimo, gerar a desconfiança, inutilizar e desprestigiar a ação dos chefes. O episódio das trombetas de Jericó, o tão celebrado cavalo de Tróia; a missão de Judith, encarregada de seduzir Holoferne, e tantos outros exemplos comprovam à saciedade o que foi acima dito.

Mas nas guerras do passado, as dificuldades e a lentidão dos meios de comunicação, a inexistência de veículos de idéias capazes de transmiti-las rapidamente a longas distâncias, faziam com que os exércitos permanecessem isolados uns dos outros até o momento de se ferir a batalha. As populações ficavam na ignorância do que se passava no campo inimigo, não raro até o completo desfecho da luta. Assim é que a guerra psicológica não tinha praticamente emprêgo, salvo em casos isolados, em condições muito especiais, como se depreende da história militar. O cérebro humano, com a sua infinita capacidade inventiva e criadora, superpõe a tudo, nas lutas atuais. E no laboratório e nas fábricas que se vencem as batalhas.

A ciência e a tecnologia vieram, assim, modificar radical e substancialmente a guerra moderna, não só quanto às armas e engenhos de destruição como e sobretudo no campo mental. Nestes últimos tempos, a guerra psicológica assumiu capital importância como um corolário das outras armas, passando a integrar os demais recursos utilizados nas guerras modernas. Empregada de forma sistemática, obedece já a umas tantas normas técnicas e vale-se de um grande número de recursos de psicologia, da psiquiatria, da eletrônica, da electrofisiologia, da neurofarmacologia, da antropologia cultural e de outros muitos conhecimentos que nos permitem hoje melhor aprofundar e interpretar os estados emocionais e suas reações.

Os meios de ação fazem-se através de tôdas as vias utilizadas na transmissão de idéias — pela palavra falada e escrita e, ainda, pela imagem — vias contra as quais a censura se mostra ainda ineficiente.

Antes, durante e depois das operações militares propriamente ditas, a guerra psicológica é utilizada pelos grupos em campos antagônicos, apoiada sobretudo na existência de novos engenhos de guerra, no poderio militar e no êxito das operações militares. A ação

psicológica se exerce sem tréguas, donde a necessidade de empregá-la, neutralizá-la e impedir os seus efeitos. Não se concebe, presentemente, o desencadeamento de um ataque militar sem ser precedido pela ação psicológica.

É evidente que os métodos, as técnicas utilizadas, os meios a que se recorre, variam ao infinito e, conquanto existam regras e normas gerais, a guerra psicológica diverge conforme o caso. Não se pode, assim, pretender adotar idênticos processos contra povos diferentes. O engenho humano é fértil na utilização dos meios de engodo, e os elementos de que se dispõe hoje para agir sobre a mente humana, para cindí-la, desintegrá-la, anular a vontade, tolher a iniciativa e implantar o pânico, não têm, por assim dizer, limites. O derrotismo, o entreguismo, o enfraquecimento da ação militar, o pânico estabelecido nas fileiras do inimigo ajudam a vitória, poupam vidas, constituindo a arma menos dispendiosa.

A guerra psicológica, diz Megret, se apresenta tanto como um meio supletivo da estratégia militar, tanto como um aspeto da política — aqui ela se funde à guerra diplomática — para se integrar como uma ciência da guerra total.

Alguns autores como Charles Chaudessais, por exemplo, julgam que as ações sobre o moral podem ser repartidas em dois grandes grupos:

- As ações diretas que procuram modificar as crenças adversas, recorrendo à dialética, à insinuação ou à informação, para o que se pode utilizar a linguagem falada, escrita e ainda da imagem.

- As ações indiretas, resultantes de uma tática de efeitos psicológicos, tais como um ataque às linhas de comunicações, os efeitos de surpresa; as operações de “decepção”, o blocus, os bombardeios maciços.

Partindo daí, seria possível estabelecer-se uma distinção entre:

- Guerra psicológica — conjunto de ações empreendidas contra o moral adverso.

- Ação psicológica — conjunto de atividades tendo por objetivo a manutenção do moral das tropas amigas, da população, dos aliados e ainda no propósito de captar a simpatia e tornar favorável a opinião e a atitude dos neutros.

Assim concebidas, a guerra e a ação psicológica seriam, essencialmente, atos do governo. Em escalões inferiores, devem ser conduzidos pelos chefes dos corpos e comandantes de unidade (sobretudo no que se refere à conservação do moral); por tropas e serviços especializados (companhias de alto-falantes, etc.) no ataque ao moral do inimigo. A coordenação seria essencial nessa matéria.

Tal distinção, contudo, não pode ser estabelecida, como preten-
de Chaudessais, dado que, frequentemente, a guerra e a ação psi-
cológicas se confundem num todo, de tal forma que é impossível
distingui-las e muito menos estabelecer limites entre elas.

A expressão — ação psicológica — é um neologismo criado pelos
franceses, empregado muitas vezes, durante a última guerra pelas
forças armadas e na imprensa.

Apareceu, entretanto, pela primeira vez, em documento oficial,
segundo Magret, no Diário da República Francesa de 1º de abril de
1950, no Decreto que reorganizou a Defesa Nacional, onde se lê, no
seu artigo 2º: "Assiste ao presidente do Conselho, nas suas funções
de coordenação interministerial das medidas interessando às ati-
vidades da Defesa Nacional, notadamente no que concerne à prepa-
ração da mobilização, a proteção nacional, aos problemas finan-
ceiros, à economia de guerra, à ação psicológica, à pesquisa cien-
tífica e ao ensino do Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacio-
nal". Como se verifica, aqui, a expressão "ação psicológica" abran-
ge a guerra psicológica.

Aliás, na língua inglesa não há equivalentes para o termo —
ação psicológica. Tanto americanos como ingleses preferem as ex-
pressões: "Information", "Propaganda", ou adotam uma linguagem
técnica e específica: "Political warfare", "psychological warfare", ou
"Psy War".

O emprêgo das armas psicológicas exige, para que delas se pos-
sam colher os melhores resultados e vantagens, dos oficiais encar-
regados de planejá-las, organizá-las e despachá-las no momento pro-
pício e oportuno, um grande número de conhecimentos especia-
lizados.

Os encarregados da divisão psicológica das forças armadas pre-
cisam ter conhecimento da dinâmica cerebral; dos instintos, sobretudo
de conservação, de defesa, de agressividade; dos reflexos condicio-
nados; de psicanálise; dos mecanismos de defesa, das lutas que se
estabelecem entre o consciente e o inconsciente do homem. Sem
esses elementos impossível se torna agir sobre os seus semelhan-
tes, sobretudo quando se trata de optar entre a vida e a morte, o
cumprimento do dever ou a deserção, a glória ou o opróbrio.

Ao demais, cumpre ainda, aos responsáveis pela divisão psicoló-
gica, conhecer perfeitamente o adversário, a sua mentalidade, o
caráter nacional, os preconceitos, os usos e costumes, a língua, a tra-
dição histórica, a mística, as crendices, a ideologia, o grau de sensi-
bilidade, a capacidade de resistência, a convicção de estar ou não lu-
tando por uma causa nobre e justa, a fim de se utilizar de todos
esses elementos e deles tirar o melhor partido operacional.

Os psicólogos e psiquiatras militares deverão estar, também,
a par do homem e das condições psicológicas, das próprias forças, do

seu povo, do moral da retaguarda, a fim de estar preparados a agir de forma rápida e drástica contra a ofensiva psicológica porventura desencadeada pelo inimigo, buscando anular os seus efeitos e impedir os objetivos visados, pela propaganda e contrapropaganda.

O mundo não se acha dividido apenas por duas ideologias diferentes, mas também por duas grandes escolas psicológicas e suas variantes, cujo conhecimento é indispensável para se compreender e interpretar a guerra psicológica.

A escola americana, dita psicodinâmica, fundada nos conceitos de Freud, baseia-se nas forças antagônicas, representadas pelo consciente e o inconsciente.

Para manter um equilíbrio na vida mental e estabelecer harmonia com o mundo exterior, sem que se verifiquem entrechoques sem que se formem complexos, o cérebro humano realiza um trabalho contínuo, num esforço de autodefesa, que se convencionou chamar de dinamismo.

A escola psicológica soviética assenta-se nas descobertas do grande fisiologista russo Pavlov, dos chamados reflexos condicionados.

Partindo de experiências em animais e no próprio homem, chegou o fisiologista russo à conclusão de que todas as nossas funções, toda a nossa vida mental, subordinam-se a reflexos condicionados resultantes de associações que se formam entre os diferentes centros nervosos, criadas pelo ambiente e pelas impressões colhidas através dos sentidos. Assim é que o comportamento humano seria o resultado de reflexos condicionados, formados na corteza cerebral.

Os continuadores de Pavlov prosseguiram os seus estudos e criaram uma grande escola reflexológica. A educação, a instrução, o trabalho, a ciência, a tecnologia, os hábitos, a medicina, a propaganda, a preparação militar dos russos, tudo se baseia nos princípios de Pavlov.

Uma vez formado o reflexo condicionado, tanto o animal como o homem reagem automaticamente de acordo com o condicionamento estabelecido.

Verdade é que, empiricamente, já sem conhecer a existência de reflexos condicionados, o homem já havia reconhecido a importância do ritmo dos brados de guerra, das marchas militares, no despertar da coragem e no desencadeamento da ação.

A estratégia psicológica russa funda-se, também, nos reflexos condicionados, tanto na ofensiva como na defensiva. Na ofensiva procurando despertar o medo, o pânico, através da chamada estratégia do terror, submetendo o povo russo a um preparo reflexológico prévio para evitar que se atemorize ante o ataque do inimigo, qualquer que seja a arma empregada.

Ao se analisarem as formas de guerra ultimamente utilizadas e aquelas para as quais o mundo está preparado, pode-se dividi-la em:

a) Guerra militar propriamente dita, que tem por objetivo anular o potencial do inimigo, empregando-se tanto as armas convencionais, como as atômicas, termonucleares, teleguiados, foguetes e outros inventos modernos de destruição;

b) Guerra econômica, que visa privar o inimigo de todas as suas riquezas e recursos, de forma a enfraquecer os meios de combate;

c) Guerra psicológica, cujo principal escopo é o de abater o inimigo já declarado ou em potencial, buscando minar-lhes as reservas morais, aniquilar a vontade, desmoralizar os chefes civis e militares. A ação psicológica tem por objetivo principal convencer o adversário da sua inferioridade, de que a sua causa está perdida, porquanto a derrota será fatal — assim, todo e qualquer esforço ou sacrifício será pura perda.

É evidente que, na guerra total, todas essas formas são empregadas em ação conjugada, muito embora possam não ser desenhadas simultaneamente. Frequentemente a guerra fria — econômica e psicológica — precede a militar.

A guerra fria se antecipa à quente. Há hoje mesmo grande empenho em se liquidar o adversário pelo emprego dos meios psicológicos e econômicos, recorrendo-se à violência só em último caso.

Os princípios dessa estratégia foram muito bem definidos por Liddle Hart: "Para abater um inimigo é preciso romper o seu equilíbrio, introduzindo no domínio das operações um fator psicológico e econômico, que o coloque em posição de inferioridade, antes de sobre ele lançar um ataque com probabilidade de sucesso definitivo".

A guerra moderna transformou-se em guerra total, com a participação de todos, os quais sofrem igualmente as suas consequências e vicissitudes. A ação que se desenvolve implica, por isso, numa perfeita e harmônica coordenação e conjugação entre as forças armadas e o elemento civil, para que se não verifique desconexão ou, então, efeitos contraditórios e contraproducentes.

Além das armas convencionais, a guerra química, a guerra bacteriológica, a guerra atômica, a termonuclear, a guerra psicológica e a econômica consubstanciam a guerra total. Assim é que, ao lado de armas altamente destruidoras e mortíferas, agregam-se as que visam enfraquecer os meios de combate — os meios intimidativos, que infundem medo e pavor, justificando a expressão: "estratégia do terror".

Nos dias atuais, é praticamente impossível admitir-se a existência de uma guerra localizada ou limitada, sobretudo sob o prisma psicológico.

Não obstante as aparências limitadas das lutas que se travam aqui e acolá, na realidade estão elas sempre vinculadas a um esquema total, que tanto pode ser evidente, aparente ou oculto, como sucede na maioria das vezes.

Para bem se compreender e analisar a guerra fria, é interessante recordar-se como ela nasceu. Quando, ao término da última guerra, os dois grandes blocos representados pelos mundos ocidental e oriental se dividiram, inconciliáveis ideologias e princípios diametralmente opostos, separados pela "cortina de ferro", surgiu a guerra fria.

Derrotada a Alemanha, as negociações para a paz processaram-se em ambiente de grande tensão. Ambos os blocos capacitaram-se desde logo da impossibilidade de formarem um tratado redigido nos moldes clássicos, dada a diversidade de propósitos e interesses em jogo. Surgiu daí uma luta surda, de usura psicológica, latente e larvada, com altos e baixos nas relações diplomáticas, com períodos críticos e outros de acalmia mas sem tréguas.

A escolha dos métodos e processos a empregar, o momento oportuno para dêles lançar mão, as técnicas mais adequadas constituem tanto uma ciência como uma arte. A guerra fria depende em grande parte da intuição daqueles que a ela recorrem, que deverão ter sagacidade, visão clara dos fatos, senso da realidade e utilizar-se de argumentos lógicos e redação convincente.

Só assim lograrão abrir brechas na resistência moral do inimigo, introduzir idéias, despertar emoções, capazes de desintegrar-lhe a mentalidade, provocando complexos, dúvidas, angústias, idéias depressivas e obsidentes. Tais reações emocionais, quando intensas e incontrolláveis, inibem a vontade, perturbam o raciocínio, impedem a coordenação de esforços e geram a anarquia. O contágio mental que então se estabelece contamina todos os espíritos, provoca a desordem, o pânico e o derrotismo.

O objetivo é, assim, o de causar uma verdadeira neurose experimental coletiva, que traga como consequência o colapso das forças inimigas, que são muitas vezes vencidas, sem que haja um só combate, sem violência, sem perdas de lado a lado.

A guerra mental criaria, destarte, um clima de inquietação, um estado de tensão emocional intensa e incoercível, difícil ou mesmo incapaz de ser contida, quando desencadeada em condições propícias, com boa técnica e habilidade.

A ameaça de novas armas secretas, as experiências atômicas e termonucleares, a corrida dos teleguiados, a exploração espacial têm dado largas a uma propaganda desenfreada e alarmista, que se desenvolve cada vez com maior intensidade e profundidade.

Outros fatores, além do aumento do potencial militar, das novas armas não convencionais, têm favorecido e entretido a guerra fria.

O desequilíbrio econômico-social que se verificou no mundo inteiro após a última guerra; a revolta dos nativos contra os colonizadores brancos na África e na Ásia; a divisão da Alemanha; a luta pelo petróleo, pelos metais não-ferrosos e materiais radiativos têm alimentado a guerra velada.

Os dois grandes blocos do Ocidente e do Oriente empenham-se na captação dos espíritos, realizam intenso trabalho de proselitismo, procuram fazer valer a sua opinião, ostensiva ou dissimuladamente, conquanto guardando respeito um pelo outro. Por isso, conquanto em luta dissimulada, evitam a criação de uma situação irremediável, para que as dissensões não atinjam um ponto de ruptura, que force uma guerra quente, generalizada, total. Periódicamente a situação se agrava, há lutas armadas restritas a certas áreas, aqui e ali, seguidas de ações diversificadas, desembarque de tropas, pequenas ocupações, ameaças recíprocas, acompanhadas de transigências, tolerâncias e acórdos parciais. Uns e outros prestam ajuda e assistência dissimulada aos seus simpatizantes, sob a forma de empréstimos, auxílio técnico e fornecimento de armamentos.

Os russos, de acôrdo com a orientação da estratégia comunista, que confunde a ação política com a militar, entendem não ser esta senão a continuação daquela. De acôrdo com esse conceito, lançaram uma ofensiva conjugada contra o bloco ocidental no terreno político e econômico. Buscam eles se infiltrar sutil, lenta e arduamente em todo o mundo, sobretudo nos países ditos subdesenvolvidos, na infra-estrutura social, onde a propaganda é mais fácil e de ação mais eficaz, dada a receptividade revelada pelos que vivem num clima de insatisfação, em virtude do baixo padrão de vida e de sentimento de inferioridade que os domina. Trata-se da chamada sovietação indolor ou pacífica.

Na sua ação, os russos recorrem a uma estratégia psicológica no entretenimento da guerra fria, dispondo para isso do concurso de uma série de elementos: contam com a colaboração forçada dos países satélites que vivem sob o seu jugo, para não se exporem aberta e ostensivamente. Utilizam-se, e o fazem largamente, dos adeptos do regime comunista, que os há espalhados no mundo todo, conhecidos ou encapotados, os quais atuam como quinta-coluna, auxiliados pelos simpatizantes, pelos inocentes úteis.

Na sua luta, os soviéticos agitam o mundo com duas bandeiras — a do pacifismo e a do nacionalismo. Exploram, assim, de forma velada e inteligente, o sentimentalismo popular. Apela para as massas proletárias de toda a parte, incitando-as a lutarem contra o que denominam a opressão do capitalismo, sob promessas falazes de uma melhor e mais equitativa distribuição de riquezas.

Diz Megret: "Os russos empreendem a guerra com duas preocupações dominantes: uma a de conduzi-la através de ações específicas por organismos próprios de caráter secreto; outra que con-

siste em nunca separar a ação psicológica da ação estratégica ou tática geral, e jamais agir senão quando o aparelhamento da força soviética estiver em plena forma".

Os Estados Unidos, à frente do bloco ocidental, enfrentam decididamente a guerra fria desencadeada pelos russos, contra-atacando nos diversos setores; proporcionam assistência financeira, técnica e militar aos países do mundo ocidental, particularmente aos que, pela sua posição geográfica, se encontram mais expostos à ação comunista. Organizam trabalhos de propaganda do regime democrático, através de serviços de informações, departamentos técnicos, culturais e agrícolas, procurando demonstrar as vantagens de um regime de liberdade. Criaram o Conselho Nacional de Segurança, ao qual cabe também a tarefa de delinear um plano de ação psicológica, com o concurso do P. S. B. (Psychological Strategy Board). Tomaram a iniciativa de estabelecer o Pacto do Atlântico, que reúne em federação defensiva os principais países da Europa. Criaram o plano Marshall, o Ponto IV e outros organismos de amparo e de assistência, nos mais variados campos — militar, econômico, cultural, técnico e sanitário — que se encontram espalhados pelo mundo todo. A mensagem enviada ao Congresso, pelo Presidente Kennedy, sobre o progresso social da América Latina, a Carta de Bogotá, e as novas dotações orçamentárias para o Fundo Interamericano de Progresso Social representam novos esforços no sentido de neutralizar a guerra fria e econômica desencadeada pelos soviéticos. Disse o Presidente Kennedy: "A Conferência de Bogotá criou um novo senso de resolução — uma nova determinação para tratar das causas do desassossego social que aflige grande parte do Hemisfério. Se este impulso fôr perdido, à falta de uma ação pronta e plena dos Estados Unidos, talvez não tenhamos outra oportunidade".

Nos Estados Unidos, as opiniões estão divididas no tocante à técnica psicológica mais adequada a ser adotada na atual conjuntura internacional. Uns são adeptos da posição defensiva, de mera contenção, que têm por objetivo tapar as brechas abertas pela contra-propaganda e pela neutralização dos seus efeitos e destruição dos argumentos apresentados e propalados. Outros são partidários de uma ação mais decisiva e ostensiva, visando obrigar os russos a um recuo até a linha de onde partiram quando iniciaram a guerra fria. Trata-se do denominado "roll-back", que teria por finalidade reconduzir o caudal ideológico russo ao seu primitivo leito.

A tática americana, na realidade, tem sido eclética, variando de acordo com as circunstâncias do momento e com as reações exigidas pela situação internacional. Assim é que tem sido ora defensiva, calma, acomodativa, transigente, outras vezes, pelo contrário, resoluta, decisiva enérgica e, por vezes, mesmo, agressiva do que nos dá exemplo o desembarque de tropas americanas no Líbano, desprezando as ameaças russas.

Alcançará a guerra fria um estado de ebulição, que venha a desencadear uma terceira e catastrófica conflagração internacional, ameaçando destruir a atual civilização? Esta é a grande incógnita, que traz o mundo suspenso, gera a inquietação em todos os espíritos e a ansiedade em todos os povos, sem que se saiba se a humanidade poderá suportar por muito tempo esse clima criado pela guerra fria, que no momento atual já foi denominada tépida.

Um exemplo

A propósito do que até o presente afirmamos, desejamos reproduzir aqui a "Mensagem ao Homem do Povo... e aos homens que dirigem o povo", de autoria de Abraham Lincoln e que nos parece uma extraordinária arma ideológica, nesta guerra fria que envolve o mundo:

"Não criarás a prosperidade, se desestimulares a poupança.

Não fortalecerás os fracos por enfraqueceres os fortes.

Não ajudarás o assalariado, se aruinares aquele que paga."

Não estimularás a fraternidade humana, se alimentares o ódio de classes.

Não ajudarás os pobres, se eliminares os ricos.

Não poderás criar estabilidade permanente, baseada em dinheiro emprestado.

Não evitarás as dificuldades, se gastares mais do que ganhas.

Não fortalecerás a dignidade e o ânimo, se subtraíres ao homem a iniciativa e a liberdade.

Não poderás ajudar aos homens de maneira permanente, se fizeres por eles aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios".

Na impossibilidade de abordar todos os aspetos da guerra fria e da guerra econômica, vamo-nos limitar a examinar o que se passa na América Latina.

A União Soviética passou a preocupar-se ultimamente, como é evidente e insofismável, com os chamados países subdesenvolvidos, em particular com os da América Latina, procurando envolvê-los na guerra econômica.

M. Rubinstein, por exemplo, chefe do Setor dos Estados Unidos no Instituto da Economia Mundial e das Relações Internacionais da Academia das Ciências da União Soviética, escreveu, a propósito dos problemas econômicos dos países subdesenvolvidos, o seguinte: "O comércio exterior depende ainda muito mais estreitamente da exportação de um pequeno número de matérias-primas ou gêneros alimentícios numa série de países da América Latina, transformados em países de monocultura. O Uruguai exporta sobretudo produtos de criação, a Argentina cereais e carne, a Venezuela petróleo, o Brasil café, Cuba açúcar, a Bolívia estanho, o Chile salitre e cobre, os

países da América Central frutas etc. As conseqüências disso são muito graves para os países subdesenvolvidos, que vêem acentuar-se a dependência unilateral da sua economia com relação ao mercado mundial dominado pelos poderosos monopólios das nações imperialistas. Os países subdesenvolvidos perdem cada ano enormes somas nas trocas ditas não-equivalentes. Os monopolizadores dos Estados Unidos, da Inglaterra e de outros países capitalistas vendem os seus produtos aos países subdesenvolvidos a preços elevados, o que podem fazer graças ao domínio exclusivo do mercado, mas obrigam êstes últimos a vender-lhes as suas matérias-primas e os seus gêneros alimentícios a preços irrisórios e, em regra geral, abaixo do seu valor real. Segundo os cálculos de que se dispõe, os monopólios dos Estados Unidos tiram só da América Latina 2 bilhões de dólares por ano de lucro pelo jogo de trocas não equivalentes".

Esse mesmo autor desenvolve uma série de comentários sobre o assunto, que vale a pena transcrever: "Por outro lado, nos últimos anos viu-se desaparecer para sempre o monopólio mundial exercido por alguns países capitalistas com referência ao fornecimento dos meios de produção e das conseqüências científicas e técnicas que lhes são associadas. O desaparecimento desse monopólio é de importância capital, visto que, durante dezenas e dezenas de anos, permitiu arrancar enormes proventos pelo desvio de trocas não-equivalentes, servindo outrossim para frenar os propósitos deliberados do crescimento industrial dos países subdesenvolvidos e mantê-los em estado de sujeição econômica e política. Não espantará, pois, que êsses ideologistas do imperialismo — americanos, ingleses, franceses e outros — se alarmem tanto com a liquidação desse monopólio e consagrem centenas de livros e artigos em descrever "a ameaça comunista". Por suas fábulas sobre essa "ameaça", os teóricos do imperialismo procuram dissimular esse fato evidente que a União Soviética não tenciona "exportar a revolução" e não intervém nos negócios internos dos outros Estados. Isso dito, a ajuda econômica desinteressada da União Soviética aos países subdesenvolvidos ameaça efetivamente a política colonialista nesse sentido, pois desmascara os atos de extorsão dos aproveitadores coloniais, as taxas usuárias de crédito, a obstrução à industrialização dos países subdesenvolvidos e facilita a êstes últimos a liberdade de escolha na direção e no ritmo do desenvolvimento econômico. A cooperação da União Soviética, e dos países de democracia popular no surto econômico dos países subdesenvolvidos constitui uma fórmula nova dessa competição em que se defrontam os dois sistemas sobre o território dos países que agrupam a maioria do gênero humano. A União Soviética julga ser a competição nesse domínio infinitamente preferível à corrida armamentista".

A União Soviética alimenta, destarte, o propósito evidente de desintegrar a unidade americana e afastar as repúblicas latino-ameri-

canas dos Estados Unidos, de forma a enfraquecer a defesa do bloco ocidental, sabedora de que isso é fundamental à grande nação que lidera o nosso Continente, como salientou A. Berle Júnior no seu livro "O Mundo entre o Ocidente e o Oriente", onde se lê: "Mas é duvidoso que pudéssemos sobreviver ao desmantelamento do grupo interamericano de nações, que compreende todos os países independentes do hemisfério ocidental, com exceção do Canadá. Moral e politicamente se os Estados Unidos não conseguirem uma organização viável no hemisfério ocidental, suas esperanças de atrair o grupo de nações em outras partes do mundo — no Oriente Próximo, no Sudeste da Ásia, etc. — se apagariam e ninguém prestaria atenção à sua conversa diplomática". Se alguém ainda tiver dúvidas quanto aos objetivos da atual política russa com relação às repúblicas latino-americanas, seria recomendável a leitura do relatório de S. Dange, apresentado ao IV Congresso Sindical de Leipzig, em 1957. Dêle extraímos a triste experiência de ver tais auxílios recusados quando necessários à industrialização real do país. Se concedidos, o seu preço é de tal forma elevado que esmaga o país beneficiado e os seus recursos, sob o peso das dívidas contraídas, o que impede a execução e a realização dos planos de desenvolvimento, que são retardados ou prejudicados. Segue-se que o desenvolvimento econômico do país fica entravado e que só certos círculos monopolizadores do país subdesenvolvido logram edificar mesquinhas e insignificantes fortunas para eles próprios. Não haverá saída para esse impasse? Os países subdesenvolvidos podem entrar com um novo aliado e amigo nos seus esforços, para sair desse impasse: o auxílio trazido pelos países do campo socialista. É esse um fato histórico, agora reconhecido pelos próprios governos burgueses, dos diferentes países, que não só dos países imperialistas e apenas da sua técnica se pode esperar ajuda para o desenvolvimento econômico e a luta contra o colonialismo".

Reconhecem os soviéticos a impossibilidade de atender às necessidades dos diversos países que carecem de auxílio, mas insinuam claramente as vantagens que esses países poderão auferir dos do bloco ocidental com a ameaça da independência do país. É ainda Dange quem escreve: "O volume do auxílio proporcionado pelos países socialistas, pode por diversas razões não ser suficiente para permitir, por si só, a industrialização desses países, mas, ainda que simbólico, faz ele baixar o tom ditatorial dos monopolizadores. Muito embora os governos de certos países subdesenvolvidos, dominados pelos interesses burgueses, não apreciam dirigir-se aos países socialistas a fim de pedir-lhes auxílio, com receio de perturbar a fraternidade burguesa, nem por isso são menos reconhecidos por esse auxílio que lhe permite, pelo menos, obter melhores condições dos monopolizadores, pela simples ameaça de se dirigirem ao campo socialista. Sabem, igualmente por experiência, serem eles extorquidos e empobrecidos pelo comércio com os monopólios imperialistas, ao

passo que o comércio com os países socialistas é um comércio honesto e sobre a base igualitária. A classe operária não pode senão alegrar-se com tal auxílio dos países socialistas e deve explicar às massas populares sua verdadeira significação política para a salvaguarda da independência do país". E logo adiante, acrescenta: "Nos países da América Latina, esse novo colonialismo, como já verificamos, fomenta conspirações militares e golpes de Estado e impõe governos ditatoriais que, do ponto de vista formal, são compostos por originários do país, mas que são dóceis aos "diktats" da finança americana. O papel desses governos é o de impedir a nacionalização dos monopólios estrangeiros, de se opor a toda restrição às atividades dos exploradores e de criar obstáculos ao desenvolvimento independente da economia desses países em proveito dos seus próprios povos. A classe operária desses países une-se a todos que lutam para a independência dos seus países e contra o embargo ou influência dos monopólios americanos sobre a vida política e econômica".

Está aí traçada a diretriz soviética na guerra econômica, como parte integrante da guerra fria, que se desenvolve em toda a parte, particularmente na América Latina, cuja área está merecendo, neste momento, particular cuidado por parte dos russos, a julgar pelas suas próprias publicações.

A guerra psicológica e as operações militares

Travada a luta armada, a guerra psicológica desenvolve-se então com maior intensidade, em perfeita articulação com a ação e os objetivos militares. Os contendores procuram tirar o maior partido das vantagens obtidas nos combates, das derrotas infligidas ao inimigo, das perdas materiais e humanas que lhe foram causadas, alardeando vantagens e superioridade capazes de influenciar o moral do inimigo. Grande importância tem a habilidade revelada na utilização das informações, na redação de boletins e comunicados, na orientação de propaganda e da contrapropaganda. Os resultados obtidos dependem da organização e dos encarregados da divisão psicológica, aos quais cabe descobrir e atuar sobre os pontos sensíveis do inimigo, solapar a resistência mental, de forma a facilitar o contágio às demais unidades, minando-lhe o moral, infundindo-lhe medo, pavor e terror. Há preocupação de incutir no espírito do adversário a convicção da inutilidade da continuação da luta, alardeando ser a sua causa perdida, e todo e qualquer sacrifício de vidas humanas em pura perda ante a derrota fatal que se aproxima.

As técnicas utilizadas na guerra psicológica visam iludir, enganar, aparentar, disfarçar, surpreender, intimidar, convencer, persuadir, suggestionar o adversário.

Na luta dos espíritos, há de tudo: medo, pavor e terror. Há preocupação de processos, todos os subterfúgios são empregados e

judgados lícitos, desde que favoreçam a derrota do inimigo. A espionagem, a traição, a intriga, a calúnia, o suborno, a infâmia, a delação, a intimidação, a corrupção, a captação, a tortura física e mental, o emprêgo de substâncias químicas com ação sobre o cérebro, os mais variados processos de dissociação psíquica, a hipnose, a narcoanálise, os modernos processos ditos de lavagem cerebral, o doutrinação de prisioneiros têm sido empregados sem escrúpulos e sem hesitações, sem o menor respeito pela consciência humana, que tem sido violentada, forçada, descontrolada, perturbada, anulada, desintegrada. Nesse campo, a técnica russa chegou a requintes de perversidade e de desumanidade, como jamais a história registrou desde os tempos mais obscuros, ultrapassando mesmo os processos nazistas.

O moral das massas no decurso da guerra

Um dos principais objetivos da guerra psicológica é o de abater o espírito do adversário e fortalecer o moral das suas próprias forças. Para tanto se faz necessário o emprêgo de uma série de medidas, a difusão de conselhos e de advertências, como fizeram os americanos durante a última guerra. A ansiedade, em tempo de guerra, pode atingir toda a coletividade, sobretudo quando o cansaço, a desnutrição e os sofrimentos físicos e morais ameaçam quebrar a resistência. O desassossego insuflado pelo inimigo constitui parte da moderna técnica da guerra de nervos.

Vejamos alguns exemplos colhidos na última guerra: os alemães, durante o bombardeio de Londres, logo após os raids aéreos, blasonavam: "Isto é apenas o começo. Só usamos uma pequena parcela de nossas forças. O pior ainda não veio". "Queremos evitar a destruição total da cidade, mas o governo insiste em resistir, lamentamos não ter outro remédio", etc.

A ansiedade das massas é conseqüente à ansiedade individual, que se vai propagando, pouco a pouco, a toda a coletividade.

Os cansados tornam-se pessimistas, tristes e derrotistas. Quando os chefes se deixam dominar pelo desânimo, a tropa toda se apercebe disso e fica desmoralizada. Deve-se, assim, substituir imediatamente todo o chefe que denunciar fadiga exagerada e esgotamento das energias nervosas.

A saúde psicológica abalada, a desnutrição deprimem o povo, que se torna abúlico, pessimista, entreguista, preparando o terreno onde medra facilmente a semente do pânico. Por conseguinte, a melhoria das condições alimentares constitui um problema de saúde pública, de grande relevância para elevar o moral do povo, ameaçado de claudicar ou de entrar em colapso.

A verificação desses fatos leva a uma série de conclusões. Assim é que as sentinelas de raids aéreos devem ser escolhidas entre os

que revelam boa estabilidade emocional. Há testes relativamente simples para se apurar os que são portadores de constituição hiperemotiva. Os indivíduos ansiosos, agitados e aflitos devem ser recusados, porque o seu estado de ânimo é contagioso e pode comprometer toda a coletividade.

Os encarregados da divisão psicológica, os indivíduos escolhidos como observadores e os chefes dos serviços de informações devem ser, por isso, rigorosamente escolhidos entre pessoas de expediente, diligentes, decididas, resistentes, dotadas de grande energia psíquica, capazes de não só manter elevado o moral coletivo, como ainda de restabelecer o curso normal da vida o mais depressa possível, por uma ação decisiva e corajosa, sem se deixar entibiar pelo ambiente por mais carregado que seja.

O meio mais eficiente para dominar o pânico é aproveitar a tendência natural do povo para se reunir nos momentos graves, para canalizar as suas energias, derivando-as para fins úteis e definidos. A mente deve estar constantemente ocupada com algum trabalho, para impedir que a imaginação deforme a realidade e agrave a situação. Por isso, a divisa "segurança acima de tudo", deve ceder lugar a "trabalho acima de tudo".

Psicologia do boato

Durante os períodos de guerra, os boatos adquirem papel de relevância e chegam a constituir um sério problema nacional, como aconteceu nos Estados Unidos, durante os anos de 1942 e 1943.

O boato surge em duas circunstâncias diametralmente opostas — quando há escassez e quando há profusão de notícias.

Para combater o boato, deve-se primeiro lançar água fria na ferverura: "Pare, olhe, escute". Pergunta-se então de onde partiu o boato e desmente-se a notícia ao invés de aceitá-la. Não se deve ajudar a divulgação do boato: faz-se ver que ele está auxiliando o inimigo pela propaganda de notícias sem confirmação oficial. Em resumo, deve-se fazer com que o boateiro se intimide.

Na linha de ação contra os boatos, pode-se adotar, de um modo geral, o seguinte critério, empregado nos Estados Unidos:

- 1º. — O boato não merece fé, é quase sempre falaz. Nenhuma pessoa sensata deveria nêlo acreditar.
- 2º. — O boato pode ser um instrumento de propaganda inimiga.
- 3º. — Os boatos destroem o moral do povo. É antipatriótica e condenável a sua difusão.
- 4º. — As pessoas que propalam boatos são tolas e perniciosas.
- 5º. — Difundir boatos é uma forma de descarregar em pessoas inocentes as próprias fraquezas.

A guerra subversiva ou revolucionária, que é uma das modalidades da guerra fria, conhecida e empregada desde a mais remota antiguidade, tem sido largamente utilizada nas suas conquistas, pelos russos, que a aperfeiçoaram e sistematizaram.

Oculto, manhoso, sub-reptício e clandestino, antes de ser posta em execução é estudada e planejada por técnicos experimentados e perfeitos conhecedores das condições do país em que se vai desencadear. Tem ela por objetivo implantar a indisciplina, quebrar a hierarquia, incitar a revolta e a insurreição, graças a uma propaganda bem conduzida, pela exploração das massas. Objetiva principalmente a desorganização e a desintegração da estrutura social do país, pelo enfraquecimento do potencial nacional, desprestígio das instituições e das autoridades legalmente constituídas e aniquilamento das classes produtoras, visando a implantação do comunismo em todo o mundo.

O extraordinário progresso das técnicas usadas na difusão do pensamento, na propagação das idéias e na transmissão das imagens, permite hoje a penetração, a captação e a exploração das massas, pela utilização de métodos psicológicos de propaganda. Sérgio Tchakhotine estudou exaustivamente os diversos processos utilizados na violação das massas pela propaganda política e subversiva.

A guerra insurrecional tem um campo de ação cada vez maior e novas possibilidades. É indiscutivelmente uma arma terrível e temível, sobretudo porque age de forma sutil, insidiosa, disfarçada, dissimulada, é difícil de ser localizada e combatida. Menos dispendiosa que as outras armas, vale-se de uma série de circunstâncias propícias ao seu desenvolvimento. Utiliza-se de elementos recrutados entre os próprios inimigos, sobretudo das personalidades psicopáticas, dos extremistas e desajustados, os quais, destituídos de sentimentos cívicos e patrióticos, se prestam a tôdas as manobras, não medem as conseqüências dos seus atos, revelam grande temibilidade e têm ânsia de alcançar o poder, mesmo que isso implique na perda da soberania da pátria e na escravidão do seu povo.

Indaga-se freqüentemente porque razão a União Soviética provocaria uma agressão nuclear, quando já são notáveis os resultados por ela alcançados através da ação subversiva, sem envolver em lutas arriscadas, suscetíveis de causar represálias. Vannevar Busch analisa os métodos comunistas de guerra subversiva sob os seus múltiplos aspectos. "A tese comunista", diz ele, "ensina que, quando se logra provocar grande miséria e desconfiança em determinado país, a população operária se revolta e o regime comunista se implanta inevitavelmente, mais uma unidade se incorporando ao sistema totalitário comunista".

"É essa a maior ameaça que paira sobre as democracias, visto que é muito mais fácil destruir que construir, mais fácil propalar inverdades e lançar os homens uns contra os outros do que estabele-

cer confiança mútua, mais fácil arruinar um sistema político que fazê-lo funcionar normalmente. A tática da guerra fria é a mais eficaz que se pode encontrar”.

“O trabalho de sapa interna, a utilização das facilidades oferecidas por uma democracia liberal para miná-la de mil formas diferentes, o acesso aos postos de direção, a possibilidade de utilizar as autoridades para despertar querelas, cooperação de rédes de espíões e sabotadores que recebem instruções de Moscou facilitam enormemente a tarefa”.

Conquistas da guerra revolucionária

Os resultados dessas técnicas subversivas, como a experiência já demonstrou sobejamente, são sobremodo eficazes e seguros. Especialistas competentes e bem treinados as aperfeiçoam constantemente, adaptando-as às condições específicas do país visado. Basta, para se aquilatar dos resultados já conseguidos pelos soviéticos, dar um balanço na situação atual: o equilíbrio estratégico do mundo, após a última guerra, foi radicalmente modificado por meio da técnica revolucionária. As conquistas obtidas por esse processo superam as conseguidas durante as duas grandes guerras por qualquer país, o que é fácil de se comprovar. Em superfície, cerca de um terço da humanidade passou para o campo comunista e muitos povos viram-se forçados a colaborar com os soviéticos. Em profundidade, as posições do Ocidente vão sendo progressivamente minadas, ameaçadas do interior e do exterior, na maioria das vezes por pressões de ambos os lados. Como é sabido, a guerra revolucionária não se limita a estimular movimentos subversivos isolados, que ocorrem aqui e acolá, mas tem ambições muito maiores e visa uma guerra total, universal e permanente para a implantação de sua ideologia. Idealizada e planejada de acôrdo com as idéias de Hegel, Marx, Engels e sobretudo de Clausewitz, já foram os seus métodos aplicados por Lenine, Stalin, Kruchev, Mao Tsé-tung, Tito e tantos outros em várias parte do mundo.

Técnicas e fases da guerra subversiva

De acôrdo com a doutrina e os princípios democráticos, entende-se por guerra uma série de operações militares, de caráter defensivo, a que o país é levado para se defender dos seus inimigos quando atacado. Trata-se de uma condição excepcional, durante a qual a política se apaga ante a violência desencadeada e os dirigentes militares assumem a direção das operações. A nação inteira então se levanta e procura abater o inimigo, num esforço supremo, procurando destruir as suas fôrças e o seu potencial militar. Tôdas as pessoas válidas são mobilizadas, o povo coloca-se a serviço da nação, para defendê-lo e salvá-la, com o sacrifício da própria vida. A guerra

é concebida de uma forma generalizada, o inimigo é visado frontalmente. O objetivo é destruir as forças contrárias, lançando-se mão de todos os recursos para conseguir a vitória e obter a paz em que se deseja viver.

Totalmente diversa é, porém, a concepção da guerra de acordo com as idéias marxistas. Para os que adotam essa ideologia, a guerra é um estado normal, permanente, que não pode cessar enquanto não for implantada no mundo "a sociedade sem classes" e todas as nações não ficarem sob a sua tutela, como acontece com os países satélites já incorporados à sua órbita e cujos povos estão submetidos a um regime de escravidão. Para isso, os soviéticos não se valem, apenas, dos recursos militares, como recorrem também a todas as forças resultantes das atividades humanas, sejam elas espirituais, intelectuais, morais ou materiais. Todos os poderes políticos, econômicos, psicossociais e militares do adversário são visados e atacados por todos os meios e formas.

A estratégia política e a militar fundem-se numa só. Não há diferença alguma entre uma estratégia para a paz e uma estratégia para a guerra. Digam-êles próprios. Frunze ensinava: "As questões de estratégia militar, política e econômica estão estreitamente entrelaçadas, num conjunto unificado". Stalin disse, na sua obra "Sobre a Estratégia e a Tática dos Comunistas Russos" — "a parte mais importante da estratégia consiste na determinação da direção básica, que deverá nortear o movimento das classes trabalhadoras, mercê do qual o proletariado poderá mais facilmente assestar o golpe principal sobre o adversário, para a realização de fins preestabelecidos". Visa, assim, desagregar as posições adversárias de uma forma indireta e traiçoeira, como um cancro que, uma vez instalado, corrói os tecidos e se dissimina por todo o organismo.

Não há nenhum mistério nos propósitos comunistas. Os fatos são claros e evidentes, quando não, seria o bastante ler as suas proclamações. Atente-se para o memorando de Mao Tsé-tung (1953), que não deixa a menor dúvida quanto as intenções e os planos por eles delineados: "Conquistar ou neutralizar primeiro a Ásia, o que nos dará acesso ao Oceano Índico e ao Mediterrâneo, depois a África, o que nos levará ao Atlântico e tornará a Europa e o Oeste indefensáveis. Em seguida, liquidar totalmente a Europa, ou então visar a América do Sul. Uma vez dominada, a América do Norte estará à nossa mercê e a chantagem nuclear será certamente suficiente para dominá-la". O eixo Tachkent-Rio de Janeiro já foi traçado e é nessa direção que se concentram agora os maiores esforços realizados diretamente ou por intermediários.

As técnicas de desagregação estão em marcha. As operações ditas "de limpeza" processam-se em toda a parte, nas assembleias, nas organizações nacionais e internacionais, nas administrações, nos organismos públicos e privados. Tais atividades são, por vezes, patentes;

mas, com maior freqüência, se desenvolvem de forma velada e dissimulada.

A ação desenvolvida pelos encarregados da chamada "limpeza", por exemplo, foi traçada de forma clara e precisa num texto de Lenine relativo à consulta que todos os parlamentares comunistas deverão adotar, tenham eles assento nas assembleias nacionais ou internacionais: "Todo deputado comunista deve, por decisão do Comitê Central do Partido, unir o trabalho ilegal ao trabalho legal. No país onde os deputados comunistas ainda se beneficiam das leis burguesas e de certa imunidade parlamentar, esta deverá ser utilizada na organização e na propaganda ilegal do partido. Os deputados comunistas devem subordinar toda sua atividade parlamentar à ação extraparlamentar do partido. A votação regular dos projetos de lei puramente demonstrativos não deve ser feita tendo em vista a sua adoção pela maioria burguesa, mas visando a propaganda e a agitação. A organização deve obedecer às indicações do partido e do seu Comitê Central. Todo deputado comunista deve lembrar-se não ser ele um "legislador", que emprega a linguagem comum ao inimigo para forçar decisões. O deputado comunista é responsável não perante a massa dispersa dos eleitores, mas ante o partido comunista legal ou ilegal.

Na guerra subversiva, a atividade comunista utiliza-se, sobretudo, do que Lenine denominou de correios de transmissão. Esse termo abrange todas as organizações, jornais, etc., que permitem transmitir às massas as impulsões do partido. Existem muitas organizações desse gênero, cada vez mais numerosas, abrangendo formações de massas internacionais, e nacionais, disfarçados sob várias denominações: Movimento Pacifista, Federação Sindical Mundial, Federação Mundial da Juventude Democrática, União Internacional dos Estudantes, Federação Democrática Internacional de Mulheres, Ligas Camponesas, etc. Todas essas organizações não são e nem devem ser comunistas, por isso que o objetivo é o de atingir os meios não-comunistas e obter que participem de certas ações bem definidas, consideradas úteis aos comunistas.

Já em 1931, a Escola Lenine de Guerra Política, proclamava: "O nosso dia virá dentro de 20 ou 30 anos. A burguesia deve permanecer adormecida. Então começaremos a lançar o mais espetacular movimento de paz que jamais existiu. Haverá facilidades surpreendentes e concessões inesperadas. Os países capitalistas estúpidos e decadentes irão cooperar prazerosamente para a sua própria ruína. Terão a chance de se considerar amigos e, quando a defesa ruir por terra, nós os esmagaremos com punho firme".

Entre os que colaboram na guerra subversiva, há voluntários e involuntários, conscientes e inconscientes. Até mesmo alguns jornais católicos por vezes têm para ela cooperado ingenuamente, sem a mínima noção dos perigos a que se expõem.

A guerra subversiva age sôbre os agrupamentos humanos, utilizando-se das armas psicológicas, as quais atuam, como ficou dito, no terreno social, militar, político, econômico, industrial, cultural e até o artístico. Mas a ação só é desencadeada após cuidadosa preparação, articulação e coordenação entre todos os elementos, obedecendo a uma seqüência lógica e bem concatenada, em que se procura tirar o máximo partido das condições do ambiente, das dificuldades do País, dos antagonismos existentes, da demagogia política, dos preconceitos populares. Vai assim num crescendo e, conforme a situação e a oportunidade do momento, recorre tanto a uma forma discreta e despercebida, como a violência, e ao terrorismo, mas sempre de forma dissimulada para escapar à repressão. O planejamento é perfeito, busca-se confundir amigos e inimigos no seio de uma mesma população, para que não haja possibilidade de se distinguirem os partidários do comunismo e muito menos de identificá-los.

No trabalho de solapamento da estrutura social das Democracias, os comunistas empregam sempre a mesma técnica, hábil e manhosa, atuando sôbre o espírito público de forma sorrateira, como que por uma ação subliminal, em que as idéias são inoculadas sem que o indivíduo disso se aperceba, servindo-se mesmo, alguns, como sucede aos chamados inocentes úteis, de instrumentos para seus inimigos atingirem seus objetivos. No emprêgo dessa técnica de penetração e infiltração, os russos contam com um corpo de técnicos experimentados e sagazes, com cursos especializados e que agem no momento próprio no seio das classes estudantis, nas massas proletárias, nos meios militares e nas zonas rurais, sobretudo nas regiões mais atrasadas, onde o povo é mais crédulo e se presta melhor à catequese e à conversão, deixando-se conduzir muito mais pelas emoções e pelo sentimentalismo que pelo raciocínio e objetivo. Exploram, também, com grande proveito os anseios nacionais do povo, deturpam os fatos, iludem os de boa fé, distorcem a verdade, lançam as classes uma contra as outras, fomentam a dissensão entre os partidos políticos, incitam greves, sabotagens e atos de destruição, numa atividade incessante e maquiavélica, com o objetivo de enfraquecer o poder e a segurança nacionais.

A guerra subversiva compreende várias fases, que desenvolvem conforme planos preestabelecidos e bem delineados, sujeitos a modificações, de acôrdo com os acontecimentos, a resistência encontrada, a oportunidade e a necessidade de alterar as técnicas, de tornar mais adequada e eficiente a ação empreendida.

Na primeira fase, dita inicial, tôda a atividade se exerce de forma clandestina, rigorosamente secreta e velada. Os promotores da insurreição cuidam da preparação do terreno, removem os obstáculos, escolhem as formas de propaganda mais eficiente junto às massas e fazem obra de proselitismo nos meios intelectuais.

Os pontos fracos da estrutura econômico-social de determinados países são os mais visados, para que maiores vantagens sejam colhidas, aproveitando-se do descontentamento popular que lavra e procurando agravar ainda mais as suas causas — dificuldades econômicas, crises de transportes e de alojamento, elevação do custo de vida, inflação crescente. Os responsáveis pela ação psicológica subversiva deverão desenvolver atividades intensas, promover reuniões, influenciar as massas, infiltrar-se em toda a parte, agindo sempre na surdina e arditamente, a fim de não serem percebidos e poderem dissimular as suas atividades.

A segunda fase visa criar um clima revolucionário. Manifestações de protesto adrede preparadas surgem, sobretudo, no seio dos sindicatos dominados pelos comunistas. Instigam a chamada operação tartaruga, greves são declaradas, ocorrem quebra-quebras e atos de sabotagem. Durante essa fase há articulações clandestinas que se fazem entre elementos comunistas infiltrados entre operários e estudantes, encarregados de desencadear movimentos conjugados, destinados a impressionar a opinião pública, granjear adeptos e criar um clima propício à subversão da ordem.

A terceira fase é já de franca e aberta subversão. Verificam-se atentados terroristas com o objetivo de paralisar a vida da cidade, implantar o medo, gerar o pânico e confundir as autoridades encarregadas da manutenção da ordem. As usinas de produção e transmissão de energia elétrica, os serviços de águas, de transportes e de abastecimento público são os mais visados, a fim de atingir todas as camadas sociais, criar embaraços à administração pública, desmoralizar os poderes constituídos, agitar a opinião pública, provocar reações coletivas diversificadas, dificultar a manutenção da ordem e implantar a anarquia.

A quarta fase já envolve a criação de bases de forças semi-regulares, distribuídas aqui e acolá, as quais deverão servir de apoio à generalização do movimento.

Na quinta e última fase, entram em cena as forças regulares, compelidas a aderir ao movimento já então generalizado e com o domínio total da situação.

A subversão apresenta um duplo aspecto — a destruição da ordem existente e a instituição de um novo governo de inspiração comunista.

Já existe entre nós uma guerra subversiva em marcha

Quem se der ao trabalho de investigar, analisar e concatenar os fatos e as ocorrências sociais, que se têm verificado ultimamente no Brasil, não pode deixar de surpreender-se com a existência de uma sucessão de atos de indisciplina, revolta, greves, motins, sabotagens, atentados, quebra-quebras, que ocorrem aqui e acolá, quando menos se espera, sob o menor pretexto, em inteira desproporção, na maioria das vezes, com as causas determinantes. Nunca se consegue apurar

a sua origem, a fim de punir os responsáveis, os incentivadores, os autores intelectuais e materiais desses movimentos, porque inexplicavelmente os inquéritos não prosseguem, são esquecidos e arquivados, sem justificativa satisfatória, por mãos ocultas e misteriosas.

Se um movimento popular eclode, seja por causa justa ou injusta, surgem logo agitadores que se encarregam de tirar proveito da situação, do estado emocional do povo, para incentivar a desordem, pregar a violência, instigar o saque, promover atos de destruição e até incendiários. Quando as autoridades intervêm, são recebidas com hostilidade, dado que há evidente interesse em se entreter a insurreição, daí resultando conflitos entre os amotinados e os encarregados da manutenção da ordem.

Certa imprensa explora habilmente os fatos e não só os aplaude como incita à sua repetição. Basta recordar rapidamente os principais fatos registrados ultimamente, as circunstâncias de que se cercaram, as agitações promovidas e as desordens dirigidas. Em todos eles há sempre uma força oculta, uma motivação pré-estudada, uma sucessão no seu desencadeamento, uma subversão dirigida e organizada, aberta ou ocultamente, por comunistas, filocomunistas, pseudo-socialistas e pseudotrabalhistas. Buscam esses elementos desviar a atenção pública das verdadeiras causas e motivos das agitações sociais, atribuindo por vezes às próprias autoridades o propósito inconfessável de tê-las promovido com objetivos políticos.

Insistem os agitadores sempre na mesma tecla. Há a preocupação constante de culpar os Estados Unidos por todos os males que nos afligem e recomendar a aproximação com a Rússia, como medida salvadora. Não nos devemos iludir. Se não nos acautelarmos, se não adotarmos medidas severas para impedir o triunfo da guerra insurrecional contra nós lançada, dentro em pouco o nosso País se verá a braços com uma revolução de conseqüências imprevisíveis, capaz de quebrar a unidade nacional e de destruir o inestimável patrimônio que herdamos das gerações passadas.

Não nos devemos esquecer que, contra a ofensiva total, impõe-se uma defensiva total. As forças armadas e a polícia não podem, por si sós, preservar o País da ameaça da guerra revolucionária. É preciso que cada cidadão consciente procure combatê-la, neutralizá-la, esclarecendo a todos as suas finalidades e os perigos que ela representa para a nossa soberania, sem o que estaremos fadados a caminhar para uma das tiranias mais bárbaras registradas na história.

Entre nós, muitos são levados a pensar que a guerra revolucionária é um fenômeno espontâneo, conseqüente ao sofrimento, às privações e às frustrações das massas populares, que se rebelam procurando alcançar uma melhor sorte ou conseguir reivindicações que considerem justas. A experiência demonstra que isso não é bem exato. A guerra revolucionária é inteiramente artificial e pré-fabricada. Sua verdadeira causa reside na disposição de uma organização po-

lítica totalitária de conquistar o poder pela força, pela violência. Não é menos certo, entretanto, o fato de os mentores da guerra revolucionária, tirarem o maior partido de todas as contradições, de todos os antagonismos, de todas as antíteses, que se formam no País, de todos os anseios, descontentamentos e revoltas populares, para assestarem o golpe contra as instituições democráticas. A sistematização, a articulação e a ação subversiva, no propósito de destruir as democracias e instituir o estado comunista, são realizadas pelos seus agentes.

No Brasil há presentemente muitos pontos vulneráveis que se prestam à penetração da propaganda subversiva. A industrialização avançada e a prosperidade dos Estados do Sul em oposição às condições subdesenvolvidas e de pauperismo dos Estados do Norte. As discussões, as contradições e os desentendimentos motivados pela mudança da capital para Brasília, os problemas da Petrobrás, a política internacional, a Operação Pan-Americana, a inflação crescente, a questão cambial, a carestia da vida, os problemas de transporte, alojamento e alimentação, a luta de classes, a corrupção reinante, a demagogia política, os preconceitos raciais são fatores que se prestam indiscutivelmente para favorecer a propaganda comunista, que age em toda a parte, está sempre alerta, incitando uns contra os outros, fomentando intrigas, agitando a opinião pública, numa atividade incessante e diabólica.

Na democracia liberal em que vivemos e que devemos defender com todas as nossas forças, é perfeitamente admissível e desejável que todos os problemas de interesse coletivo sejam ampla e livremente debatidos. Dever-se-ia, entretanto, evitar que as paixões conturbassem os espíritos de conciliação, os ódios políticos, o agravamento da luta entre as classes e dos antagonismos existentes.

Walter Lippmann disse, com razão, que não se faz a guerra fria com a cabeça quente. Se essa técnica é válida para a ofensiva, com muito mais razão deverá ser ela adotada na defensiva contra a investida insurrecional.

A luta anti-subversiva

A população deveria ser alertada quanto à existência de um propósito subversivo e das suas graves conseqüências, que levariam o País ao caos ou a um regime de força, com o cerceamento das liberdades democráticas. É preciso ter vontade firme e perseverante de vencer a subversão e para isso, é necessário ter-se consciência exata do perigo que ela representa e acreditar nos valores e nos direitos que ela visa destruir ou anular.

Cumprir formar consciência clara da existência dos principais valores da nossa civilização, quais sejam:

— o respeito da pessoa humana

- a liberdade de consciência
- a crença de que o Estado é feito para o homem e não o homem para o Estado
- a defesa de nossas tradições cristãs.

Tais valores da civilização ocidental apoiam-se na sua tradição filosófica da vida e nos princípios democráticos, que merecem ser defendidos com o sacrifício da própria vida.

As técnicas tendentes a implantar a indisciplina e a revolta das massas, a despertar a luta entre as classes, a desarmonia nas forças armadas, a agitação nos meios estudantis, a inquietação no seio da população, estão sendo hábilmente utilizadas em toda a parte, com a finalidade de provocar a desorganização, a incompreensão e a anarquia em todos os setores da vida nacional.

Na ofensiva subversiva, como já foi dito, todos os meios, todos os recursos, todos os subterfúgios têm sido empregados e julgados lícitos, desde que favoreçam a implantação da sua ideologia. Os que estão empenhados na defesa anti-subversiva devem estar prevenidos sobre todas as técnicas, todos os processos empregados, para se acautelarem e combaterem o seu emprêgo, onde quer que a sua ação se faça sentir.

No relatório suplementar sobre as recomendações do Secretário da Defesa dos Estados Unidos, reconhece-se que a guerra moderna, diz Jost Meerloo, no seu grande livro "O Rapto do Espírito", levou o perigo ao umbral de cada casa e que a última frente na guerra fria se situa no espírito de cada cidadão. Dá esse autor os seguintes conselhos para combater a ofensiva psicológica e soerguer o moral:

- 1 — Chefia democrática sadia
- 2 — Organização bem planejada, associada à liberdade de improvisação; um mínimo de formalidades burocráticas.
- 3 — Autodisciplina democrática. Temos fé nas próprias instituições?
- 4 — Informações e comunicações livres de embaraços.
- 5 — Liberdade de religião; integridade moral.
- 6 — Lealdade mútua e responsabilidade amadurecida; espírito de colaboração.
- 7 — Vigilância mental; a importante psicologia de uma lúcida consciência dos problemas da nossa época.
- 8 — Sentimento de participação e de ser aceito.
- 9 — Sentimento de justiça, de liberdade, de inviolabilidade do mundo privado.
- 10 — Confiança em que há especialistas prontos a prestar auxílio de emergência (especialistas em higiene mental, clérigos, Cruz Vermelha, Defesa Civil, socorros médicos de urgência).

Conclusões

As ações psicológicas na guerra moderna adquirem dia a dia importância cada vez maior.

A ciência e a tecnologia vieram modificar radical e substancialmente a guerra moderna, não só quanto às armas e engenhos de destruição como, sobretudo, no campo psicológico.

A guerra militar propriamente dita, a guerra econômica e a guerra psicológica constituem hoje um todo inseparável, que consubstanciam a guerra total.

Na atual conjuntura internacional, a guerra revolucionária se afigura uma arma muito mais temível do que as convencionais, atômicas e termonucleares, porque as suas conquistas superam de muito as conseguidas durante as duas grandes guerras, por qualquer país.

Em superfície, cerca de um terço da humanidade passou para o campo comunista e vive sob um regime de escravidão. Muitos povos viram-se forçados a colaborar com os soviéticos. Em profundidade, as posições do Ocidente vão sendo progressivamente minadas, ameaçadas do interior e do exterior, na maioria das vezes por pressões de ambos os lados.

As democracias precisam estar alertas ante o perigo representado pelas ações psicológicas que visam a sovietação do Universo.

